

A QUESTÃO ÉTICA NAS CONSIDERAÇÕES DE WITTGENSTEIN

Por Diana Patrícia Ferreira de Santana*

Resumo: o texto tem por objetivo abordar uma reflexão inicial sobre o tema da ética na obra de Wittgenstein a partir de duas questões centrais: (a) existiriam formas alternativas de expressar os valores éticos além daqueles expressos pela linguagem?; (b) a expressão artística constitui uma forma alternativa de linguagem capaz de expressar valores éticos absolutos?

Palavras-chave: Wittgenstein. Ética. Estética.

Abstract: the text is intended to address initial thoughts on the topic of ethics in Wittgenstein's work from two central questions: (a) would there be alternative ways of expressing the ethical values than those expressed by the language?; (b) is artistic expression an alternative form of language capable of expressing absolute ethical values?

Keywords: Wittgenstein. Ethics. Aesthetics.

1 Introdução

O objetivo dessa reflexão tem por missão problematizar e compreender o sentido da questão ética nas considerações de Ludwig Wittgenstein tendo em vista a dificuldade de conciliar a contingência da vida humana aos valores absolutos expressos na ideia de um sumo bem ou da felicidade. Noutras palavras, interessa-nos como Wittgenstein resolve o estatuto dos valores absolutos da ética com sua prerrogativa das vivências particulares. Existiriam formas alternativas de expressar os valores éticos além daqueles expressos pela linguagem? A expressão artística constitui uma forma alternativa de linguagem capaz de expressar valores éticos absolutos?

Wittgenstein constata, em nós, uma forte tendência à transgressão. Esse ímpeto que nos impele contra os limites da linguagem é ético. Se a ética esbarra nos limites do verbalizável, pois se caracteriza por um modo de agir; então,

experiências que tenham o silêncio como paradigma poderiam sugerir uma compreensão ética sobre o mundo?

Tomar a ética como objeto de estudo não é tarefa fácil nem simples. Há uma variedade de concepções que ora se completam, ora se distanciam, pois as questões dos valores humanos se transformam historicamente. Muitas vezes nos perguntamos se deveríamos encarar a ética como aquilo que desejamos ou aquilo que todos desejam; se ela é um imperativo moral ao qual devemos obedecer ou uma ação consciente que devemos colocar em prática; se é uma virtude com a qual se nasce ou um hábito que se cultiva. Inúmeras páginas já foram escritas para responder a essas dúvidas, mas nosso recorte procurará destacar as contribuições do filósofo austríaco.

2 Questões Metodológicas e Bibliográficas

Trataremos o tema a partir de uma reconstrução teórica e analítica revisitando a obra de Wittgenstein e buscando subsídios que reforcem as hipóteses levantadas a partir de seus principais comentadores. Adotaremos o estilo terapêutico wittgensteiniano, pois, segundo Spaniol (1989), ele permite contornar algumas dificuldades advindas de uma leitura metafísica que tropeça, quase sempre, na assunção de alguma tese ou teoria.

Acatamos a empreitada de levar a cabo essa reflexão como uma atividade filosófica que, para o nosso autor, constitui uma “luta contra o enfeitiçamento de nosso entendimento por meio de nossa linguagem” (WITTGENSTEIN, 2009, p. 52e). Portanto, o método do qual nos serviremos é o método terapêutico de Wittgenstein, que consiste na elucidação do problema ou, como sugere Spaniol (1989), na recordação da gramática e de como empregamos as palavras. O fato de muitos problemas filosóficos estarem emaranhados na tessitura da linguagem deve-se ao fato de ela ser o meio pelo qual o pensamento se articula e se desenvolve. De modo diverso ao que se costuma empregar na ciência para a compreensão dos fatos, na filosofia, a clareza advém de algo que já se postava diante de nós. A missão é, portanto, compreender.

Entre as obras que orientarão nossas análises e inquirições incluímos a edição bilingue do “Tractatus lógico-philosophicus” (WITTGENSTEIN, 2001) traduzida e comentada pelo professor Luiz Henrique Lopes dos Santos, a “Conferência sobre ética” (WITTGENSTEIN, 1995) ministrada por Wittgenstein em 1929-1930 e os “Notebooks: 1914-1916” (WITTGENSTEIN, 1961), editados por G. H. Von Wright. Resumir a produção bibliográfica de Ludwig Wittgenstein e seus principais comentadores seria uma tarefa hercúlea em face da enorme repercussão de suas ideias e do tamanho de sua obra; por isso, nosso foco recairá sobre a bibliografia especificamente pertinente aos problemas anteriormente mencionados.

A obra de Wittgenstein costuma ser dividida em duas fases: a do “Tractatus lógico-philosophicus” (WITTGENSTEIN, 2001), publicada em 1921, que dialoga com as questões da filosofia analítica colocadas por Frege, Russell e os intelectuais do Círculo de Viena; e a das “Investigações filosóficas” (WITTGENSTEIN, 2009), obra publicada postumamente em 1953 e na qual o autor abandona o dogmatismo e cientificismo da fase anterior. Nessa segunda etapa, Wittgenstein decide abandonar a busca por uma essência da linguagem

e prefere, como ele próprio afirma, empreender uma terapia da linguagem. A mudança na sua concepção de linguagem tem um impacto sobre a sua concepção ética, mas nos deteremos na fase que concerne às principais ideias do *Tractatus* (WITTGENSTEIN, 2001).

3 Ética e Estética

A reflexão inédita de Wittgenstein sobre ética e que torna sua elaboração original com relação a seus predecessores compreende as vivências humanas como fatos, mas esses fatos se referem à particularidade de quem as viveu, são contingentes. Entretanto, elas parecem ter um valor universal no sentido de reportarem a uma experiência singular sobre questões da vida humana cujo teor é de ordem absoluta, tais como culpa, medo, amor, angústia etc. Dessa contradição entre o particular e o absoluto, surge a tendência, quiçá uma necessidade do homem, em querer definir a culpa, o medo, o amor, a angústia etc. Questões sobre as quais a linguagem perde sua função designativa, pois não podemos dizer o que elas são **em si**, apenas nos apropriar da linguagem para descrever situações nas quais elas estão envolvidas. Haller (1991, p. 49) acredita que “o reconhecimento desse paradoxo no fundo é o elemento que distingue a reflexão wittgensteiniana sobre a essência do Ético de todas as outras teorias da ética da história da filosofia.”

E o que são, afinal, esses valores absolutos? Essências de experiências particulares? Wittgenstein diria que é uma questão que não se coloca, é uma falsa questão. Existem questões de **valor** absoluto, mas não valores absolutos *stricto sensu*. Enunciados metafísicos, que dizem respeito ao **Ser** das coisas não poderem ser revestidos da clareza que tem, por exemplo, um enunciado científico ou lógico, pois estes dizem respeito às coisas do mundo, enquanto aqueles estão fora do mundo e padecem, essencialmente, de falta de clareza. Sobre os enunciados metafísicos paira uma névoa de indistinção que impede a classificação entre o sumo bem e o mal. Essa dicotomia perde a referência. Em “Notebooks”, Wittgenstein sugere que “A vida feliz **parece**, em algum sentido, mais harmônica do que a infeliz. Em que sentido? Qual é a marca **objetiva** da vida feliz, ou harmônica? É claro que não existe uma tal marca, em condições de receber descrição” (WITTGENSTEIN, 1961, p.78e, grifo nosso).

E não existe mesmo! O que existe é uma forte compulsão do homem em associar o temo **feliz** a

um estado que evoca a harmonia. É difícil pensar em uma triste felicidade. Ao procurar definir, tentar explicar uma vivência particular intensa, a linguagem parece diminuir a experiência e roubar-lhe a essência. A angústia se essencializa na vivência, não descolada desta. Não há como dizer o que é a angústia **em si**, por isso o filósofo austríaco recomenda o silêncio.

É possível conhecer o teor dessa vivência? Wittgenstein não prescreve qualquer ação, mas mostra em suas obras que existem vias por meio das quais elas se expressam. A arte, as experiências da religiosidade e da guerra, por exemplo, se oferecem como caminhos possíveis, uma vez que sobre os fatos da vida as explicações científicas e lógicas são insuficientes.

Há, nas considerações de Wittgenstein, um forte nexos entre vontade e ética.¹ A vontade é portadora do bem e/ou do mal. Agir conforme o bem ou o mal é escolher agir eticamente ou não. Esse ato vigora mesmo quando apenas queremos (em pensamento), pois querer é uma atividade da vontade. Todavia, poderia existir um homem sem qualquer vontade? Que tivesse apenas ideias? Segundo Wittgenstein (1961), isso seria impossível, mas, supondo que existisse tal homem, existiria também um mundo sem ética. “O Mundo e a Vida são um só” (WITTGENSTEIN, 1961, p. 77e). A vida está além do seu funcionamento fisiológico e psicológico; a vida, segundo Wittgenstein, é o mundo; e a ética deve ser uma condição do mundo.

Logo após essas considerações, Wittgenstein (1961, p. 77e) postula que “Ética e Estética são uma só”, sugerindo, a nosso ver, que também a estética é condição de mundo, pois também ela é uma forma de agir; de um agir não necessariamente racional. A estética se debruça sobre nossas percepções, sensações e estabelece, por meio delas, experiências acerca do belo, do medo, da angústia etc. Wittgenstein (1961, p. 85e) entende a arte como um tipo de expressão e considera que “A obra de arte é o objeto visto *sub specie aeternitatis* [sob a forma da eternidade]; e a boa vida é o mundo visto *sub specie aeternitatis*. Esta é a conexão entre arte e ética.”

Por essa razão, tomo de empréstimo a máxima proferida por Ferreira Gullar (2010, n.p): “A arte existe porque a vida não basta.” As questões fundamentais da vida são não definíveis, embora passíveis de compreensão. A compreensão poderia se dar por meio da linguagem, mas de uma linguagem que não define, não classifica nem ordena. Para dizer aquilo que não pode, a linguagem deveria sofrer uma metamorfose (no

sentido grego do termo), transformar-se em algo que se mostra, que se expressa.

A ideia de que a experiência estética poderia ser essa outra linguagem que fala dos valores absolutos por outra via não é nova, destarte, para Wittgenstein, o desafio é transformar sua própria escrita em arte, em um modo de dizer e fazê-lo, artisticamente. Ernest Gellner (2004, p. 99), que confere ao *Tractatus* o *status* de poema à solidão, sugere que Wittgenstein atinge esse objetivo ao fundir o ético e o estético: “A estética foi realmente mais importante do que a ética. Pelo menos, a ela não pode ser dado um *status* inferior.” A escolha do estilo aforístico e da estrutura em tópicos parecem ter tido um propósito, uma vez que a questão central do *Tractatus*, segundo Wittgenstein (2001), é a perspectiva ética e ele limita o ético de seu interior recomendando o silêncio. O próprio Wittgenstein reforça na proposição 6.421 da obra, e que já foi citada no “Notebooks”: ética e estética são uma só (WITTGENSTEIN (2001). O silêncio do qual o *Tractatus* é investido, como postulei em minha tese de doutorado, “não surge porque não se tem algo a dizer, ou porque se tem pouco a dizer; ao contrário, o silêncio nessa obra surge por se ter muito a dizer e *o como dizer* é o cerne do problema” (SANTANA, 2015, p. 52).

Por outro lado, a existência de um ente metafísico, ou seja, de um sujeito que não é parte do mundo real, mas que seja portador dos valores absolutos humanos é verossímil e parece tão clara como a existência do mundo. Por acreditar nisso é que os homens criam deuses. Machado (2010, p. 74, grifo nosso) pondera que:

A ética não pode ser demonstrada em palavras porque não existe no mundo representação plausível de valor absoluto, próprio do ser da ética. A ética é uma realidade transcendental, de modo que tem por intenção abarcar **todas** as significações particulares.

O autor conclui, logo após a passagem supracitada, que a “ação mais coerente do homem, frente à reflexão ética é o silêncio, que se consolida em uma proeminente atitude filosófica” (MACHADO, 2010, p. 74). Ora, sabemos que abarcar todas as significações particulares é uma intenção fadada ao fracasso, pois elas são infinitas. O termo *todas* é uma abstração que tem apenas valor teórico. De fato, a ética é uma realidade transcendental, mas ela não tem a intenção de abarcar todas as significações particulares; ao contrário, todas as significações particulares até agora conhecidas alçam tornar-se essa realidade transcendental. Uma concepção sobre ética é construída paulatinamente à medida que novas experiências, às quais associamos valores, vão se cruzando, completando-

se, antagonizando-se e ampliando-se por meio de várias relações.

Contrariamente à resignação de Machado, entendo que o silêncio é apenas uma preparação, um recolhimento necessário. A atitude filosófica deve superar o silêncio em direção a uma atitude ética, pois o silêncio é signo de algo que deve ousar converter-se em expressão. O silêncio absoluto é inadmissível para o homem. Se o limite do mundo esbarra nos limites da linguagem, “ir além do mundo é ir além da linguagem significativa” (WITTGENSTEIN, 1995, p. 220). Ir além dessa linguagem não é aceitar o silêncio, nem abandonar a linguagem; talvez seja abandonar a linguagem que generaliza, que define e objetiva, e buscar formas alternativas de expressão.

Nota:

⁽¹⁾ A concepção ética de Wittgenstein nessa fase de elaboração é tributária de Schopenhauer.

Referências

GELLNER, E. *Language and solitude: Wittgenstein, Malinowski and the Habsburg dilemma*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

GULLAR, F. “A arte existe porque a vida não basta” diz Ferreira Gullar. *Globo*, Paraty, 07, 08, 2010. *G1*. Entrevista concedida a Luciano Trigo. Disponível em <<http://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

HALLER, R. A ética no pensamento de Wittgenstein. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt>. Acesso em: 23 mar. 2015.

MACHADO, E. J. A inefabilidade do conceito de ética em Ludwig Wittgenstein. *Theoria*, Pouso Alegre, v. 2, n. 5: p. 74-86, 2010. Disponível em: <http://www.theoria.com.br/educacao0510/a_inefabilidade_do_conceito_de_etica_em_ludwig_wittgenstein.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2015.

SANTANA, D. P. F. *As formas do silêncio na vida e obra de Wittgenstein e na aprendizagem da matemática escolar*. 2015. 140 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SPANIOL, W. *Filosofia e método no segundo Wittgenstein: uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento*. São Paulo: Loyola, 1989. (Filosofia, 11).

WITTGENSTEIN, L. *Notebooks: 1914-1916*. New York: Harper Torchbooks, 1961.

WITTGENSTEIN, L. Conferência sobre ética. In: DALL'AGNOL, D. *Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. 2. ed. Florianópolis: Unisinos, 1995.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico philosophicus*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations*. Hong Kong: Wiley-Blackwell, 2009.

*** Professora do Instituto Federal de São Paulo - Campus Bragança Paulista, Doutora em Educação pela Unicamp.**